

Grupo Terapêutico de Crianças: O Brincar Como Recurso Terapêutico

Coroa de Fogo; Passarinho Azul.

Orientadora: Borboleta Pequeninina.

Resumo

Este artigo descreve um estudo de caso advindo de um trabalho vivenciado em estágio clínico do nono período de Psicologia, inserido na abordagem do Psicodrama com a modalidade grupal de trabalho. O Grupo Terapêutico de Crianças abordou um público de oito a doze anos de idade, atendendo na clínica da Universidade Tiradentes, em Aracaju-SE. O trabalho decorreu-se com a integração grupal junto à teoria de Jacob Levy Moreno, com o propósito de utilizar métodos lúdicos para oferecer um espaço de vivência genuína que abraçasse o processo de ressignificação dos sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Psicodrama. Terapia Grupal. Psicoterapia Infantil.

Resumen

Este artículo describe un estudio de caso sobre el trabajo ejecutado en una pasantía clínica del noveno semestre de Psicología, insertado en el enfoque de Psicodrama con una modalidad de trabajo grupal. El Grupo Terapéuticos de Niños tenía un rango de edad que va desde niños de ocho a doce años, siendo parte de la Clínica de Psicología de la Universidad Tiradentes, en Aracaju-SE, Brasil. El trabajo se llevó a cabo con la integración de la teoría de Jacob Levy Moreno, con el objetivo de utilizar métodos más lúdicos para ofrecer un espacio vital genuino que estuviera verdaderamente abierto al proceso de resignificación de los niños involucrados.

Palabras-clave: Psicodrama. Terapia Grupal. Psicoterapia Infantil.

Abstract

This article describes a case study about the work executed in a clinical internship of the ninth semester of Psychology, inserted in the Psychodrama approach with a group-work modality. The Therapeutic Group of Children had an age range that goes from eight year old to twelve year old children, being part of the Psychology Clinic of the Tiradentes University, in Aracaju-SE, Brazil.

The work was carried out with the integration of Jacob Levy Moreno's theory, aiming the utilization of more ludic methods to offer a genuine living space that was truly open to the process of resignification of the children involved.

Keywords: Psychodrama. Group Therapy. Child Psychotherapy.

1 Introdução

O presente artigo tem como finalidade apresentar um estudo de caso desenvolvido através das matérias de Estágio Específico I e II, no nono e décimo período do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes – UNIT, ministrada pela professora Borboleta Pequeninha, psicóloga cadastrada no Conselho Regional de Psicologia, 19ª região, especializada em Psicodrama.

O material descrito no referente estudo foi experienciado no estágio clínico, dentro do ambiente da Clínica de Psicologia da Universidade Tiradentes, em Aracaju, Sergipe. Os relatos foram extraídos da vivência de dois grupos terapêuticos de crianças desenvolvido na Clínica, sob um viés da abordagem desenvolvida por Jacob Levy Moreno, o Psicodrama, e fundamentada pelos conteúdos sobre dinâmicas de grupos.

O grupo inicial caracterizou-se por um público infantil na faixa etária de 8 a 12 anos, obtendo um total de 4 integrantes, a proposta teve continuidade no semestre seguinte do curso, obtendo então um grupo de 5 integrantes, com faixa etária de 9 a 13 anos de idade. Ambos tiveram como método de ação o brincar como recurso terapêutico. Descrito por Lepsch (2015) como o melhor modo de se ter acesso ao público infantil, onde por meio do conteúdo imaginativo são apresentados os conteúdos psíquicos, possibilitando, desse modo, uma melhor forma de acesso ao seu mundo subjetivo.

Com a grande demanda de usuários da clínica, pensou-se na proposta do grupo como um serviço a ser ofertado, além da prática individual, de modo a possibilitar uma modalidade de cuidado diferencial ao público selecionado. Tendo como objetivo o tratamento psicológico daqueles que compõem o grupo, trabalhando de forma lúdica seus conteúdos diante dos temas trazidos pelos protagonistas dos encontros.

2 Psicodrama de Jacob Levy Moreno

O psicodrama nasceu como uma abordagem sócio-psicoterápica desenvolvida por Jacob Levy Moreno (1889-1974), sendo uma técnica que tem em suas origens a união entre o teatro, a psicologia e a sociologia. Como descreve Bermudez(1970), diferentemente das psicoterapias puramente verbais, o psicodrama faz intervir, manifestamente, o corpo em suas variadas expressões e interações com outros corpos.

Por assim dizer, o Psicodrama se destaca pela incorporação notável de aspectos teatrais e lúdicos no seu roteiro de atividades, técnicas e *modus operandi*. Moreno traz noções próprias acerca do desenvolvimento do homem e suas capacidades criativas que, em um cenário de psicoterapia grupal, são mais do que bem-vindas.

Decerto, o Psicodrama pode ser chamado de “abordagem vivencial” (RAMALHO, 2010) por ser, por si só, um ponto de encontro entre a vivência artística e a ciência psicológica. Munindo-se amplamente da *ação* enquanto força-motriz para a recuperação da espontaneidade e criatividade que Moreno estima como aspecto fundamental para a uma vivência assertiva com o desenvolvimento e articulação de papéis sociais de maneira funcional.

Assim sendo, diferentemente das demais vertentes da época, Moreno tinha um complexo olhar social acerca do sujeito. De modo que ele desenvolve uma teoria, em que possui uma visão relacional de homem. Para ele, como descrevem Gonçalves; Wolff & Almeida (1988), o indivíduo é concebido e estudado através de suas relações interpessoais. O “Homem Moreniano” é um indivíduo social, porque nasce em sociedade e necessita dos outros para sobreviver, sendo apto para a convivência com os demais através de capacidades inatas e apreendidas. A partir desta ideologia, ele desenvolve a teoria socionômica – o estudo das leis que regem o comportamento social e grupal.

Dentro da teoria socionômica, ele desenvolve a Sociodinâmica, Sociometria e a Sociatria. O psicodrama entra no aspecto sociátrico dos três, ou seja, a parte da Socionomia que se refere à terapêutica das relações sociais, sendo então o psicodrama como cita Gonçalves; Wolff & Almeida (1988) é o tratamento do indivíduo e do grupo através da ação dramática. Nele o protagonista, aquele em que se centra a ação terapêutica cujo conteúdo reverbera nos envolvidos no processo sociátrico, pode ser o indivíduo ou o próprio grupo.

Para Moreno o sujeito é espontâneo e criativo, dotado destes dois fatores inatos que possibilitam comportamentos adequados em diversas situações possíveis. Estas capacidades, no entanto, podem ser afetadas pelas Conservas Culturais – construtos e conceitos sociológicos enrijecidos pelo passar do tempo inseridos na cultura. Como explica Ramalho(2011), determinadas sociedades podem estar presas a essas conservas, criando uma série de obstáculos à espontaneidade, enquanto o desejável seria o oposto, que elas funcionassem como pontos de partida. O que no processo de adoecimento dos sujeitos, ocorre, ou seja, há a cristalização desse sujeito, de modo a suprimir a espontaneidade e ele passa a agir de um mesmo modo em diversas situações, e não de modo genuíno, singular e inovador como seria ao agir com criatividade e espontaneidade.

Logo, é certo dizer que, um indivíduo “existencialmente saudável” é um indivíduo que tem suas conservas culturais relativamente intactas, mas que não se deixa prejudicar no vivenciar e articular genuíno de sua própria matriz de identidade, fluindo em uma moção que é visivelmente heraclítica.

As sessões de psicoterapia de abordagem psicodramática levam em consideração três contextos, sendo eles os seguintes, como descreve os Bermudez(1970) - o **Contexto Social**, que corresponde ao *extragupo*, que está fora da imediação grupal e compõe suas relações pessoais. A chamada **Realidade Social**, que é regida por normas e leis sociais que impõem ao indivíduo que o integra. E o **Contexto Grupal**, que é constituído pelo próprio grupo, são seus costumes, normas e leis particulares e o **Contexto Dramático**, que é a cena montada pelo protagonista e pelo diretor através do que é apresentado durante o curso da terapia. Moreno, assim sendo, compreende que a vivência em sociedade se dá por meio de interações. De *grupos*, por assim dizer. Uma série infindável de constelações sociológicas construídas pelos relacionamentos humanos, sua subjetividade e valores agarrando-se em cada um deles. A sociedade é um construto poderoso e vivo, completamente dinâmico e relacional, tal qual o ser-humano na ótica psicodramática é.

O Psicodrama, então, foi uma proposta elaborada primordialmente em um conceito grupal. Suas estratégias e técnicas singulares conceberam o ser humano como um indivíduo social acima de tudo, um ser relacional em seu âmago. Assim sendo, durante o curso deste estudo, há de se considerar que a preservação do pensamento

inicial de Moreno se mostra presente, tanto quanto as noções posteriores de outros pensadores acerca das ferramentas em grupo.

Yozo (1996), traz noções acerca do benefício que dinâmicas grupais podem prover para largos grupos de pessoas nos mais diversos cenários, seja em uma escola, organização ou mesmo grupos terapêuticos, como o abordado neste estudo. Suas técnicas visivelmente mobilizam questões conscientes e inconscientes a serem trabalhadas segundo o olhar psicodramático, adaptando-as em técnicas mais relevantes para o contexto teórico moreniano.

Mediando assim os pensamentos psicodramáticos acerca da força vivente presente em cada um dos grupos e nutrindo-se das técnicas mais clássicas do Psicodrama, como descritas por Ramalho (2010) e Cukier (1992), o grupo terapêutico pode seguir adiante com suas questões enquanto nos preparamos para o impreparável: O aqui-e-agora de um grupo infantil da mais múltipla natureza, partilhando apenas da faixa etária como parâmetro que os coloca sob uma mesma bandeira.

O que muda os holofotes de foco, para agora, então, tratar do elefante na sala – Como aplicar estas questões com *crianças*?

2.1 Psicodrama Com Crianças

O trabalho psicoterápico infantil é crescente na atualidade, majoritariamente requerido por encaminhamentos escolares, quando o aparato da escola já não possui mecanismos para mediações de situações conflituosas, ou por encaminhamentos médicos, que não conseguem atuar nos comportamentos que a criança apresenta naquele momento. Diante da descrita demanda se fez necessário pensar no trabalho psicoterápico com crianças, optando por um viés psicodramático de atuação, abordagem de seguimento do material.

Ao se pensar na psicoterapia infantil é necessário pensar que, além de todo o material teórico clássico, na sua atuação o profissional precisa, como sinaliza Lepsch (2015), resgatar a sua própria criança interior, para que esta, juntamente com a criança-cliente, permita que o material terapêutico flua. Forjando uma aliança indispensável no fortalecimento do vínculo terapêutico que gera um grau de confiança, fator preponderante para uma verdadeira entrega, inestimável no curso da terapia com infantes.

A terapia, por fim, prossegue nos valores inatos descritos por Moreno, resguardando-se em sua visão psicodramática, como descrevem Gonçalves, Wolff e Almeida (1988):

Na visão moreniana, os recursos inatos do homem são a espontaneidade, criatividade e a sensibilidade. Desde o **início**, ele traz consigo fatores favoráveis a seu desenvolvimento, que não vêm acompanhados por tendências destrutivas. Entretanto, essas condições, que favorecem a vida e a criação, podem ser perturbadas por ambientes ou sistemas sociais constrangedores. Nesse caso, resta a possibilidade de recuperação dos fatores vitais, através da renovação das relações afetivas e da ação transformadora sobre o meio. (Gonçalves, Wolff e Almeida, 1988)

Assim sendo, na atuação com crianças os conceitos que a fundamentam são os mesmos descritos por Moreno. Mas, apesar da mesma fundamentação ser compartilhada com o trabalho com indivíduos adultos, alguns elementos diferentes são visíveis na atuação psicodramática com crianças.

Em meu trabalho com meninos encontrei diferenças técnicas importantes em relação ao psicodrama com adultos. Em primeiro lugar, o aquecimento inespecífico se faz, em geral, de maneira totalmente diferente. Comumente, a dramatização começa assim que se inicia a sessão.” (Alegre, 1982)

Deste modo, o ato de ficar à margem, não participando ativamente do processo de dramatização, constrói um distanciamento entre terapeuta e criança. E durante a terceira etapa da sessão no psicodrama, a fase dos comentários, é basicamente inexistente, sendo a sessão quase por completo se compondo pela etapa da dramatização.

Por fim, Kaufman e Gonçalves (1988), apresentam também a possibilidade de uma variedade de materiais lúdicos como recurso para a sessão terapêutica, alguns mais estruturados em suas formas, outros menos, dentre os sugeridos: bonecos, fantoches, carros, família de bonecos, objetos de madeira e de plástico, materiais para confecções de objetos.

Portanto, o brincar – o lúdico, torna-se o foco da psicoterapia infantil em qualquer que seja a abordagem. O Psicodrama, no caso, apenas eleva a importância da espontaneidade com que ela surge na criança, refletindo isso desde a elaboração de seu *setting* como na adaptação de seu linguajar e aplicação de técnicas, como descreve Rosalba Filipini (2014).

A proposta de trabalho com crianças compreende então sua natureza infinitamente mais flexível e dinâmica do que o formato tradicional com adultos, cujos papéis e cristalizações já estão mais estabelecidos, não em um estado tão primal.

Mesmo que o ser humano esteja existencialmente em fluxo, adaptando-se criativamente, nada é tão intenso quanto o processo criativo que ocorre em uma mente que ainda está a explorar o mundo em seus primórdios, como é o caso dos infantes.

Trazer tamanho potencial criativo para um grupo, portanto, não apenas compõe um desafio, mas, abre todo um escopo de possibilidades que devem ser exploradas utilizando-se da língua comum de toda criança: A brincadeira, subjetividade traduzida em ação, a epítome psicodramática e a redução fenomenológica em uma só.

E do lúdico parte-se, elaborando dinâmicas e jogos que se aliem aos conceitos mais básicos do Psicodrama para proceder adiante no processo psicoterápico. A composição grupal comporta as mesmas técnicas e o mesmo processo, apenas considerando que há de se lidar com mentes ainda em formação interagindo, brincando e se elaborando através de seu infinito potencial criativo para trabalharem em conjunto, crescendo tanto enquanto grupo, como enquanto indivíduos.

2.3 Psicoterapia de Grupo

O trabalho com grupos se constrói no decorrer da história como reflexo das modificações socioeconômicas. Ele advém da saída das relações apenas no ambiente familiar, para a convivência com a sociedade como um todo. De modo que, passa-se a estudar e pesquisar o conceito de grupos e seus fenômenos na Psicologia como resposta a esta insurgente demanda.

No que se refere aos estudos de abordagens psicoterápicas grupais, Kurt Lewin se apresenta como um dos primeiros estudiosos da temática, conceituando pela primeira vez o termo “dinâmica de grupo”. Ramalho (2011) afirma que seus estudos têm como objetivo o estudo da natureza (ou estrutura) dos pequenos grupos; a dinâmica de vida grupal e o seu funcionamento, assim como o seu processo de desenvolvimento, fenômenos e princípios que o regem, as forças psicológicas e sociais que lhe influenciam.

O grupo deve ser sempre estudado como inserido em um campo social mais amplo e as mudanças que ocorrem neste são sempre localizadas em um determinado tempo e espaço da existência do grupo. Portanto, para Lewin o trabalho de dinâmica de grupo não era a mera aplicação de técnicas com o objetivo de produzir mudanças no grupo, mas, algo bem mais profundo, que levasse a uma reflexão e análise de todas as interferências contextuais que se expressam nos grupos e nas instituições. (LIMA, 2011)

Muitas são as tentativas de conceituação do fenômeno grupo, Nery (2010 apud MALAQUIAS, 2015), baseando-se nas obras de Moreno, nos apresenta um conceito de grupo como um conjunto de pessoas, articuladas por papéis e por objetivos sociais comuns, no qual os estados coconscientes e coinconscientes dos indivíduos formarão padrões e dinâmicas relacionais próprias.

Isto é, há uma coletividade intencional no ser-humano sob a ótica do Psicodrama, uma rede compartilhada de conteúdos que perpassa cada um em seus próprios átomos que compõem a sua matriz de identidade. Estes indivíduos, inseridos em grupos, afetam-se coletivamente e vivenciam a terapia em conjunto.

De forma que, pensar no conceito de grupo como método terapêutico, surge com Moreno em 1932 quando ele define a psicoterapia de grupo como uma forma de tratamento que propõe, como tarefa, tratar tanto o grupo como um todo, como cada um de seus membros através da mediação do grupo (MORENO 1959, p. 19 apud RUSSO 1999).

Visão de grupo que será desenvolvida no referido material, sob o olhar da teoria desenvolvida por Moreno, o Psicodrama, no trabalho com crianças já supracitado. Considerando suas diferenças e potenciais criativos emergentes em busca de uma harmonia que ajude os envolvidos a crescerem *de facto* e se auxiliarem mutuamente na resolução de seus conflitos psíquicos através de suas dinâmicas coconscientes e coinconscientes.

2.4 Co-Consciente e Coinconsciente no Trabalho Grupal

Não raro, a literatura psicológica e filosófica traz em si o termo *consciência* como palavra-chave para abordar a interface subjetiva da vivência humana, quase como um plano subjetivo de existência que existe em cada um com seu fluxo pessoal de conceitos, crenças e papéis existenciais.

O termo psicodramático encapsula então a natureza coletiva deste fenômeno – *co-consciente*, implica no perpassar da consciência em um viés coletivo, onde a vivência humana se faz e se apresenta, aquilo que é comum de várias mentes que dividem seu *espaço-tempo*, conservas culturais e complementam-se com papéis sociais. *Co-inconsciente*, no entanto, fala do que é recalcado, não-visto ou não-vivenciado comum a um nível coletivo (KNOBEL, 2011).

Para um grupo em terapia sob o viés do Psicodrama, ambos conceitos apenas fomentam a natureza viva da estrutura formada e compartilhada, trazendo à vista algo indispensável no agir diante de um grupo de crianças: Suas demandas expressas e dificuldades são sentidas e experimentadas por todos os membros do grupo, incluindo seus facilitadores. Sintomas, avanços, conflitos e conceitos, todos se entrelaçam no coletivo em um esforço conjunto de vivência em ação na busca da espontaneidade e criatividade.

3 Metodologia

O estudo de caso em questão utilizou das técnicas básicas de Psicodrama aplicadas aos grupos, trabalhando neste viés voltado para o público infantil. Durante as sessões, buscamos seguir as etapas de desenvolvimento de uma sessão de Psicodrama descritos por Cukier (1992) – Aquecimento, Inespecífico e Específico, o primeiro visando situar os pacientes do grupo na sessão, focando sua atenção em si mesmos e aquietando suas resistências em adentrar no novo que toda sessão traz, podendo ser eles verbalizados ou em movimento. Já o Aquecimento Específico é descrito como visa a preparação do paciente para a dramatização, mobilizando-o em torno do tema a ser dramatizado de forma mais conceitualmente direta.

A etapa seguinte na sessão nesta abordagem é a Dramatização propriamente dita, Ramalho (2011), define-a como a etapa do trabalho no “Como Se” onde o trabalho terapêutico decorre-se na “Realidade Suplementar”, o plano subjetivo de limites pouco definidos onde o contexto psicodramático se decorre em suas cenas, interpretações de papéis e elaborações criativas. A última das etapas é o Compartilhamento, onde a autora supracitada apresenta como o instante onde todos os participantes são solicitados a compartilhar seus sentimentos, emoções e os pensamentos eliciados pelo trabalho dramático.

O propósito do psicodrama é auxiliar os sujeitos a estimulação desta espontaneidade do sujeito, reduzindo suas cristalizações para que tenha comportamentos criativos nas situações que se apresentarem em sua vivência, por meio de ações dramáticas no “aqui agora”, como forma de desenvolvimento de novos papéis e modificação de papéis mal estruturados

4 Relato do Caso

4.1 Caracterização dos sujeitos

O seguinte material trata-se do relato do caso de duas vivências grupais com crianças, desenvolvidas na prática clínica de um estágio supervisionado durante o ano de 2019. Cujo Grupo Terapêutico 1, desenvolvido no primeiro semestre de 2019, composto por quatro sujeitos durante o processo clínico, com faixa etária entre 8 aos 12 anos de idade, cadastrados na clínica de Psicologia da Unit e descritos na Tabela 01. Já o Grupo Terapêutico 2 ocorreu durante o segundo semestre do ano de 2019, tendo em sua composição cinco sujeitos cuja faixa etária se encontrava entre 9 aos 13 anos de idade, cadastrados na clínica de Psicologia da Unit e descritos na Tabela 02.

Para garantia do sigilo e anonimato dos participantes do estudo fez-se uso de codificações (P1, P2...) onde a letra “P” refere-se ao paciente e a numeração apenas para distinção dos sujeitos em relatos de falas no decorrer do documento, referentes somente aos pacientes do *Grupo 1*. Os pacientes decorrentes no *Grupo 2* serão referidos com a letra “C” com o mesmo intento, dada a palavra *criança*.

Tabela 01

Descrição dos Sujeitos do Grupo Terapêutico 1 - Período 2019.1

Paciente	Sexo	Idade
P. 1	Feminino	10 anos
P.2	Feminino	11 anos
P.3	Masculino	9 anos
P.4	Feminino	12 anos

Nota: Fonte: Elaborado pelos escritores do material

Tabela 02

Descrição dos Sujeitos do Grupo Terapêutico 2 - Período 2019.2

Paciente	Sexo	Idade
C. 1	Feminino	11 anos
C.2	Feminino	10 anos
C.3	Feminino	13 anos
C.4	Masculino	9 anos
C.5	Masculino	11 anos

Nota: Fonte: Elaborado pelos escritores do material

Demandas iniciais

Inicialmente, como em todo processo grupal, as demandas presentes no ambiente perpassam conteúdos individuais dos sujeitos do grupo, que ainda não se desenvolveram enquanto um corpo grupal. A princípio, os conteúdos evidentes referem-se à inserção desses sujeitos no trabalho psicoterápico em grupo, e possibilita o desenvolvimento de um clima grupal em potencial.

Esta convivência grupal não é uniforme e rígida, mas baseando-se na teoria da matriz de identidade desenvolvida por Moreno, tem aspectos comuns e observáveis na teoria, como enunciado por Yozo (1996).

Partindo dessas conceituações, verificamos que a criança desenvolve seus papéis de acordo com suas relações e vínculos, formando, assim, sua identidade enquanto indivíduo. Em jogos dramáticos, considera-se o mesmo processo evolutivo. O diretor deve avaliar cada indivíduo e o seu desenvolvimento na dinâmica grupal, mesmo que o Protagonista seja invariavelmente o grupo (YOZO, 1996)

Ela, portanto, segue etapas e floresce, uma vez que o grupo é um organismo vivo composto por seres singulares, relacionais e com conflitos diversos na ótica das teorias psicodramáticas que regem este estudo de caso. As relações a serem formadas partiram de um ponto onde eles eram desconhecidos dividindo um novo espaço sem identidade inicial. Os papéis a serem desenvolvidas, as relações e conceituações, eram tão virgens e cheias de potencial quanto suas mentes, compondo-se coletivamente neste grupo ainda em crescimento.

4.2 Desenvolvimento das Sessões

Os grupos psicoterapêuticos descritos no material tiveram o Grupo 1 um total de 10 sessões que serão resumidas aqui a título de complemento, enquanto o Grupo 2, objeto central deste material, um total de 16 sessões, as quais selecionou-se algumas que obtiveram maior significância no processo psicoterápico. Onde, em cada um dos encontros, conteúdos diferentes emergiram, protagonismos alternados e propostas de atividades diferenciadas foram trabalhados com a finalidade de estimular essa espontaneidade e criatividade dos sujeitos. Os temas eram múltiplos, por vezes, espontâneos, mas guiados ao interesse comum pelos facilitadores.

Partindo-se então do Grupo Terapêutico de Crianças 1, iniciador da proposta. O processo de nascimento deste organismo vivo se apresentou pouco a pouco – as histórias contadas acerca um ao outro, as pequenas informações e gestos trocados. Os facilitadores, tal qual sua função os nomeia, proveram os métodos para que as

interações rumassem para um encontro genuíno entre os participantes, utilizando de dinâmicas de apresentação da Primeira Fase, do Reconhecimento do Eu (YOZO, 1996), como forma de interação dos participantes. No decorrer do processo de construção grupal, a ligação entre os membros do grupo surgiu e se significou a partir dos encontros subsequentes. A compreensão não-dita e o aspecto lúdico presente nas brincadeiras vivenciadas evocaram a proximidade dentro da segurança do sigilo já conhecido pelos participantes. Suas demandas foram tão variadas quanto suas personalidades, e, assim sendo, eles seguiram juntos em um movimento coletivo facilitado pelos descritores deste artigo, cada um, vivenciando seu protagonismo em sessão e dando a oportunidade aos demais de o integrarem.

No que se refere ao Grupo Terapêutico de Crianças 2, objeto central deste material, percebeu-se diferenças acerca da construção desta célula grupal, bem como, as características apresentadas pelo grupo. Demos início com uma sessão centrada nas questões burocráticas exigidas pela clínica, cujos Termos Livre e Esclarecido foram assinados pelos responsáveis e a proposta do grupo foi apresentada aos mesmos. Em seguida nós direcionamos as crianças que também se encontravam na sala, e reexplicamos o objetivo do grupo aproximando-se da sua linguagem e assegurando-as do sigilo do ambiente psicoterápico. No início do desenvolvimento deste grupo, até sua formação final, houve grande rotatividade de sujeitos, que adentraram no processo, mas que por fatores adversos não deram continuidade.

Dentre as seções mais relevantes que aqui serão explanadas, podemos iniciar com a sessão de número 6, denominada aqui “A História”, onde se fizeram presentes C.2, C.3, C.4 E C.5. Nela, seguindo as etapas do processo psicodramático foram feitos aquecimentos, sendo o inespecífico pedir que lembrassem de personagens que gostavam muito de filmes, desenhos, jogos. Interligado a esses demos continuidade com o específico, orientando que dentro desses pensassem em algum ao qual se identificassem ou que gostassem muito para representá-los. Em continuidade, iniciamos a dinâmica, começando uma história a qual cada iria dar continuidade, cada um em sua vez e todos vivenciavam o que era dito por cada um, porém em alguns momentos palavras eram sorteadas que poderiam dar novos rumos a história. Por fim, foi feito um compartilhamento de como se sentiram no decorrer da atividade. Foi evidente diversos conflitos do grupo com o integrante C.4, mas que eles mesmo apresentavam atitudes

resolutivas nesses momentos, autorregulando o companheiro e alcançando um ambiente mais pacífico.

Outra das sessões marcantes do grupo, é válido ressaltar a ocorrência de uma que demonstrou o potencial de elaboração simbólica em realidade suplementar frente a um grupo. C.3, enfrentando problemas familiares relativos à separação de seus pais, apresentou-os diante do grupo que, mediados pelos facilitadores, utilizando de bonecos e figuras humanas familiares. Em cena, utilizamos da multiplicação dramática e realização simbólica, onde ela experimentou o drama vivencial por meio dos bonecos e distensionar o sentimento negativo que a afligia. Posteriormente, o grupo mobilizou-se e elaborou um cenário fantasioso com elementos familiares, engajando em uma experiência coletiva agradável. Tão espontâneo e sadio o movimento se provou, o grupo engajou em dança e solicitou uma valsa para os facilitadores, que proveram e assistiram a manifestação.

Por fim, utilizando-se de uma metodologia diferente ao primeiro grupo, cujo contato com responsáveis foram de forma mais individuais, no segundo grupo fez-se uma sessão apenas com as responsáveis das crianças, que se apresentou como um mecanismo de ampliação da atuação dos facilitadores. Devido a tamanho valor será descrita aqui. A sessão com as mães reuniu as responsáveis por C.2, C.4 e C.5. Elas narraram a história de como tiveram e conceberam seus filhos, assim como descreveram seu relacionamento, expectativas e mudanças percebidas em seus relacionamentos com as crianças. Por pedido dos facilitadores, elas representaram seus filhos em desenhos, aos quais discorriam sobre o que sentiam em relação aos filhos, explorando seus sentimentos e experienciando memórias. No momento final de compartilhamento, demos o feedback sobre cada um dos filhos dela e sobre o que foi percebido ao longo das sessões, ainda preservando o sigilo, mas evocando a necessidade ou não de continuidade perante nossa perspectiva enquanto terapeutas responsáveis pelo grupo.

5 Resultados e Discussão

A abordagem grupal em Psicodrama aplicado ao público infante que foi descrita durante este artigo nos permitiu observar uma miríade de fenômenos já enunciados pela literatura, tanto quanto apresentou a espontaneidade e criatividade prevista por Moreno que foram evocadas pelos participantes ao longo das sessões, onde seus conflitos se apresentaram e foram lentamente ressignificados. De modo que,

explanaremos aqui os conteúdos perceptíveis resultantes deste processo grupal, descrito no Estudo de Caso.

Diante do que foi citado percebe-se evidentemente que as etapas do grupo descritas por Yozo(1996), referenciada durante todo o material, ficou nítida no Grupo Terapêutico de Crianças desenvolvido pelos autores. Foi observável no primeiro momento a fase inicial do grupo do *Eu-Comigo*, onde eles se localizaram e se identificaram em um grupo, este momento equivaleu as sessões iniciais do grupo, onde foram apresentados ao contexto coletivo. Em um segundo momento, foi visível a entrada na segunda etapa do grupo, o *Eu e o Outro*, onde eles passaram a se identificar com o outro, reconhecendo-os propriamente. E finalmente as etapas do *Eu com o Outro* e *Eu com Todos*, após o desenvolverem a percepção de si e do outro, ampliaram esta percepção enquanto grupo, desenvolvendo relação com todos, buscando uma identidade e coesão grupal mais unitária.

Um outro elemento, perceptível durante o processo foi a espontaneidade como força mobilizadora dos conteúdos expressos, pelos indivíduos. Assim como, a presença do protagonismo dentro da célula grupal em alguns momentos com sujeitos individuais que “agonizavam” em meio ao processo terapêutico e dirigiam a sessão, tendo os demais como ego auxiliares do processo. Em outros momentos o grupo emergia como protagonista e os objetos tinham a função de egos auxiliares, no trabalho dos conteúdos do inconsciente do grupo que se encontrava em evidência no *setting*.

Percebeu-se também a eficácia do grupo, para os que compõem, onde foi proporcionado o trabalho dos conteúdos dos sujeitos, dentro de um ambiente grupal. Possibilitando a visualização de uma diversidade de demandas que puderam ser trabalhadas coletivamente. O tecido social do próprio grupo e as redes de relação formadas eram o palco para a encenação e ressignificação de conflitos, os facilitadores, enquanto diretores (e possíveis egos-auxiliares, caso a situação pedisse), tiveram a função de mesclar a teoria ao encanto do lúdico para a psiquê infantil, como ressalta Filipini (2014).

É imprescindível considerar os resultados observáveis que o aspecto vivencial da teoria psicodramático conferiu ao próprio grupo. Os papéis ressignificados se apresentavam de várias formas diante de nós, facilitadores. Os conflitos vivenciados por C.3 durante o processo grupal diversas vezes agonizou e foi acolhida e trabalhada pelo grupo. C.1 e C.5 entraram em choque por muitas vezes, tal qual C.4 e sua

personalidade expansiva envolvia ambos acima tanto em interações amplas como situações a serem mediadas. É válido ressaltar que, mesmo dotadas de agressividade, as expressões, o perdão e o manejo por parte dos descritores se mostraram como valiosos a posteriori, firmando-se mais visivelmente na reunião com os responsáveis, onde as mães dos citados compareceram (ao passo que os responsáveis pelos demais não o fizeram).

Na reunião, o contato com o contexto familiar obteve uma dimensão ampliada da história relacional existente mãe-criança presente em cada um. Não obstante, o contato com os pais foi importante para uma troca de informações relevantes que clarearam os benefícios sociológicos da terapia grupal e os efeitos observáveis apenas àqueles cujo dia-a-dia se passa ao lado dos membros do grupo. O encontro, enriquecedor, por fim apenas sedimentou a relevância do trabalho e deste contato terapêutico que existe entre um grupo de indivíduos dispostos a vivenciar a coletividade sadia com um propósito comum.

6 Considerações Finais

O trabalho com crianças em psicoterapia sempre será uma jornada diferente do que o ordinariamente previsível, isto é, se é que há alguma previsibilidade quando se trata da mente humana. Mas, trabalhando com mentes tão jovens e tão recheadas de potencial, há muito a ser descoberto. É da mais pura validade considerar a abordagem diferencial para alcançar conteúdo tão vivo e ainda em fluxo – o aspecto lúdico, então, o brincar, torna-se não apenas ferramenta, como a carta coringa para lidar com possíveis resistências. Através destas noções, o ludo em si é parte integral indissociável da terapia com crianças e, uma vez inserida no aspecto grupal, simulamos uma rede de relações que permite não apenas um contato maior com outros indivíduos, mas, também, expandir as brincadeiras, dinâmicas e propostas em um escopo que a terapia bipessoal não normalmente permitiria.

Fundamentando-se nas duas vivências grupais aqui citadas nota-se a diversidade da construção do grupo durante um processo de psicoterapia na modalidade grupal obteve-se aqui dois formatos de grupos diferentes, com uma linha de tempo no desenvolvimento dessa célula grupal variada, bem como, a emergência dos conteúdos bem diversos. Porém, alguns temas se mostraram correlacionais, pelo fato de se tratarem de ambos os grupos serem infantis. Tornando perceptível a linha tênue no trabalho com grupos que possuem públicos alvos aproximados.

Pode-se perceber a evolução de cada um dos sujeitos, que obtiveram no grupo um espaço de fala e acolhimento, assim como de mobilizador de mudanças, que para jovens em processo de desenvolvimento como os que foram trabalhados auxiliam no seu crescimento e postura no contexto social aos quais estão inseridos, e que são os mais diversos. Mesmo nas interações mais singelas, o movimento criativo possível dentro do contexto grupal é visível e potente, emergindo como manifestação do potencial grupal.

Além do poder da coletividade, ficou evidente o papel da família no trabalho com crianças, que entram como um suporte e complemento na atuação do facilitador, assim como fornecem uma visão dos resultados alcançados pelos indivíduos no grupo em seu contexto sociofamiliar que é de difícil acesso para os facilitadores do grupo.

Este artigo, por fim, valida-se no potencial existente no lúdico e coletivo, aliados como linguagens que carregamos enquanto humanos desde a infância e com uma possibilidade de ajuste, uma ferramenta curadora existente na espontaneidade inata de cada um, manifestada em comunidade.

7 Referências

- ALEGRE, C.A. (1982). *Psicodrama com crianças*. In: BUSTOS, D.M. O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática. São Paulo:Summus.
- BERMÚDEZ, R. J. (1970). *Introdução ao psicodrama*. São Paulo.
- CUKIER, R. (1992). *Psicodrama Bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente*. São Paulo.
- FILIPINI, R. (2014). *Psicoterapia psicodramática com crianças: Uma proposta sacionômica*. São Paulo-SP: Editora Ágora.
- GONÇALVES, C. S., WOLFF, J. R. & ALMEIDA, W. C. (1988). *Lições do psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. São Paulo.
- KAUFMAN, A. & GONÇALVES, C. (1988). Psicodrama com crianças. In: GONÇALVES, C. S. *Psicodrama com crianças: uma psicoterapia possível*. São Paulo.
- KNOBEL, A. M. (2019). Coconsciente e inconsciente em Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 139-152, 2011. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932011000200012&lng=pt&nrm=isso.
- LEPSCH, M. P. (2015). *A importância do brincar no psicodrama com crianças*. Junho.

- LIMA, P. A. (2011). *Contextualização da terapia de grupo – Uma pequena apresentação da história e do desenvolvimento de algumas propostas de trabalhos com grupo*.
- MALAGUIAS, M. C. (2015). *Teoria de grupos e psiquiatria*. In NERY, Maria da Penha & CONCEIÇÃO, Maria I. G. *Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos*. São Paulo.
- RAMALHO, C. M. R. (2011). *Psicodrama e dinâmica de grupo*. São Paulo: Iglu.
- RUSSO, L. (1999). *Breve história dos grupos terapêuticos*. In ALMEIDA, Wilson Castello. *Grupos: a proposta do psicodrama*.
- YOZO, R. Y. K. (1996). *100 Jogos para grupos*. São Paulo: Editora Ágora.